

# Sarney aposta na força dos estados

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney jogou as suas últimas cartas para aprovar o sistema de governo presidencialista no peso que os governadores exercem sobre as bancadas estaduais na Constituinte. No meio da tarde, ontem, vindos dos quatro cantos do País, eles começaram a desembarcar em Brasília e foram direto para o Palácio do Planalto, onde Sarney já os aguardava com o mapa político da Constituinte nas mãos.

"O presidente não suporta mais o fisiologismo e não aceita mais nenhum acordo", afirmava logo depois o governador de Fernando de Noronha, Fernando César Mesquita, que garantiu que o governo está confiante na vitória do presidencialismo com cinco anos na Constituinte, com aproximadamente 300 votos. "Pessoalmente — disse ele — eu acho que o governo tem mais é que partir para o confronto, até porque não tem mais emissoras de rádio, verbas e outros favores a dar." Para Mesquita, não há princípios ideológicos na disputa pelos quatro ou cinco anos nem pela definição do sistema de governo: há apenas interesses.

Ontem onze governadores de Estado estiveram com o presidente. E a população política da capital deve crescer ainda mais nas próximas horas, com a confirmação da chegada

dos demais governadores, além de deputados estaduais, prefeitos e vereadores. Pela estratégia do Planalto, na reta final todo esforço é válido para garantir o sistema presidencialista.

Tanto no Planalto, onde Sarney despachou à tarde, como no Alvorada, onde manteve reuniões de manhã e à noite, o movimento ontem foi intenso. O telefone particular do presidente, ao qual somente os políticos de confiança têm acesso, não parou de tocar um só instante. Mas os governadores que se deslocaram para Brasília negam que o seu objetivo seja pressionar os constituintes. Tarécio Burity, da Paraíba, diz que veio apenas comunicar a Sarney, "espontaneamente", que, à exceção de um constituinte, cujo nome não revelou, a bancada do PMDB de seu estado vota no presidencialismo com cinco anos. A Paraíba representa 15 votos na Assembleia. Amazonino Mendes, do Amazonas, também garantiu que não atendeu a nenhuma convocação. "Vim de livre e espontânea vontade, porque achei de meu dever e obrigação", afirmou. E garantiu que, dos 11 parlamentares da bancada do seu estado, nove são presidencialistas com cinco anos de mandato para Sarney.

Além de Mesquita, Burity e Amazonino, estiveram com Sarney Álvaro Dias, do Paraná (33 votos), Epitácio Cafeteira, do Maranhão (21 votos), Tasso Jereissati, do Ceará (25 votos), Geraldo Mello, do Rio Grande do Nor-

te (11 votos), Carlos Valadares, de Sergipe (11 votos), Newton Cardoso, de Minas Gerais (56 votos), Jorge Novo da Costa, do Amapá (4 votos), e José Aparecido de Oliveira, do Distrito Federal (11 votos). Estão confirmadas para hoje as presenças de Pedro Ivo, de Santa Catarina, que tem 19 votos no plenário, e Gerônimo Santana, de Rondônia, com 11 votos. Álvaro Dias deixou o Planalto dizendo que Sarney está fazendo um apelo pela unidade, "pelo dia seguinte". Apesar de os governadores não representarem a totalidade dos votos de que Sarney precisa, em cada bancada, para derrubar o parlamentarismo, o governo fez as contas — embora não as tenha apresentado oficialmente a ninguém — e concluiu que "já ganhou". Um otimismo confirmado pelo empresário Fernando Sarney, o filho mais velho do presidente, que desembarcou ontem em Brasília vindo do Maranhão. "O presidencialismo venceu", anunciou o filho do presidente.

Na reunião da manhã no Alvorada os líderes do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, e no Senado, Saldanha Derzi, mostravam o mesmo otimismo, compartilhado pelo líder do PFL, José Lourenço: "Não pensamos em nenhuma outra hipótese que não seja a vitória expressa do presidencialismo", dizia Sant'Anna, aplaudido por Derzi, que garantia "uma vantagem surpreendente".

## Ministros passam dia negociando por telefone

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Os ministros Prisco Viana, da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, e Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, dedicaram todo o dia de ontem às negociações finais em favor do presidencialismo e dos cinco anos de mandato. Ambos, importantes articuladores do governo, receberam dezenas de deputados e senadores até quase meia-noite.

"Como ministro das Comunicações; é evidente que minha melhor arma é o telefone", comentou, irônico, Antônio Carlos, entre um contato e outro com constituintes, governadores e até prefeitos da Bahia descontentes com a administração do governador Waldir Pires. O ministro tentava convencê-los na última hora a pressionar os deputados de suas regiões em favor do presidencialismo.

Antônio Carlos só saiu do gabinete para ir ao Palácio do Planalto participar da solenidade do início das comemorações do Centenário da Abolição da Escravatura. Lá, aproveitou para dar um quadro otimista da situação ao presidente José Sarney. Almoçou no ministério com o filho, deputado Luiz Eduardo Magalhães e outros assessores, revendo a estratégia de pressão final sobre os constituintes.

Para Antônio Carlos, a aprovação do presidencialismo "é tranquila". Ele negou que estivesse fazendo grandes articulações de última hora, mas disse que apenas checava o cuidadoso trabalho já feito anteriormente e aproveitou para gravar sua participação no programa do PFL, que vai ao ar, em cadeia nacional de rádio e TV, no próximo dia 4 de abril.

### Prisco

Prisco Viana também passou o dia ao telefone, tendo deixado o ministério apenas para almoçar no ga-

binete do ministro da Saúde, Borges da Silveira, com o deputado Expedito Machado (PMDB-CE) e outros, além de ir também ao Planalto para a cerimônia do Centenário da Abolição.

"Claro que usei muito o telefone, afinal política é diálogo, é o convencimento das pessoas", disse Prisco, que recebeu vários deputados em seu gabinete, além do senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria, que ouviu do ministro muitas palavras de incentivo a que os empresários apoiem o presidencialismo. Ao sair, um pouco vacilante, o senador lamentou que não houvesse acordo na Constituinte, esclarecendo que grande parte do empresariado é parlamentarista. Disse que iria se reunir hoje com a bancada de Sergipe "para conseguir uma posição de união".

Prisco negou pressões militares, mas advertiu que se a Constituinte não tiver uma solução coerente com a realidade brasileira, "que tem tradição de um século de presidencialismo, que é o que o povo quer, então vamos enfrentar certamente grandes dificuldades". Ele negou que em seus telefonemas de ontem tenha falado na possibilidade de crise militar, mas alguns deputados contatados por ele disseram que o ministro falou muito na possibilidade de um impasse e retrocesso na sua argumentação de última hora.

O ministro afirmou que o esforço inicial do governo será todo pela aprovação da emenda do senador Humberto Lucena, "o que não impede que ela possa ser modificada depois". Nas suas conversas de ontem, Prisco sempre repetiu que um parlamentarismo híbrido, sem eleição para voto distrital, "não dará regime nem bancadas estáveis; é uma receita certa de crise futura".

Prisco lembrou que o parlamentarismo já foi rejeitado em plebiscito nacional em 1963, reafirmando sempre que "se o povo brasileiro se prepara há mais de 20 anos para eleger seu presidente, que tenha força para resolver os problemas crônicos, como frustrá-lo agora?" E a todos os jornalistas e parlamentares que o procuravam, repetia sempre: "Estou confiante, o presidencialismo ganha agora e depois serão os cinco anos".

## Antônio Carlos dá a vitória como certa

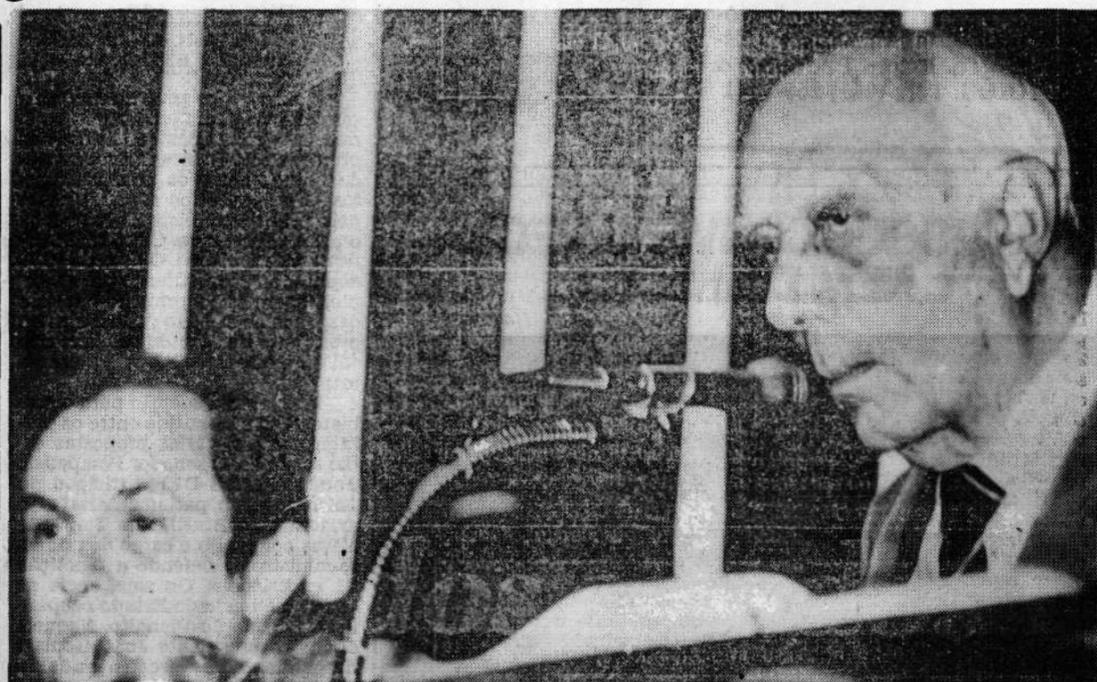
BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

"Vamos ganhar", afirmou ontem o ministro Antônio Carlos Magalhães sobre a votação do sistema de governo pela Constituinte. À noite, sua avaliação, compartilhada pelo ministro Prisco Viana, indicava que o Planalto poderia contar com mais de 300 votos a favor do presidencialismo. Os dois garantiam também que os constituintes aprovarão os cinco anos de mandato para Sarney.

No jogo das especulações, o deputado José Lourenço, líder do PFL, previu pelo menos 360 votos favoráveis à emenda presidencialista do senador Humberto Lucena. Ele foi contestado pelo senador José Richa e pelos deputados Pimenta da Veiga e Sandra Cavalcanti. "Os presidencialistas não têm 250 votos e nós temos quase 270", disse Richa, que é parlamentarista.

Ontem, oito deputados do PMDB almoçaram no Ministério da Saúde com os ministros Borges da Silveira e Prisco Viana. Foi feita uma consulta informal e deu empate. Votaram pelo presidencialismo Expedito Machado, Marcos Lima, Arnaldo Moraes e Geraldo Mello. Pelo parlamentarismo optaram Gil Cesar, José Dutra, Aloísio Vasconcelos e Délio Brás. Mais tarde, Prisco Viana contestou o resultado. "A rigor, deu seis a dois pelo presidencialismo. O deputado José Dutra, por exemplo, chegou parlamentarista e saiu presidencialista."

Para o Planalto, pelo menos 14 governadores estão fechados com o sistema presidencialista — entre eles o de São Paulo, Minas e Paraná. Mesmo assim, as listas dos dois grupos são conflitantes. O governador do Ceará, Tasso Jereissati, consta da relação dos presidencialistas e dos parlamentaristas. Já Moreira Franco, do Rio de Janeiro, teria deixado a bancada de seu Estado liberada, o que não é o caso de Waldir Pires, da Bahia, que quer abertamente o sistema parlamentar e quatro anos para Sarney. Em meio às pressões e contra-informações, presidencialistas e parlamentaristas tentam aumentar o cerco principalmente aos indecisos e aos que preferem ficar em cima do muro, apenas para valorizar seu voto.



Luís Tajás

Ao lado do relator Cabral, Ulysses continua a acreditar no acordo antes da votação

## Ulysses espera acordo, ainda que na 25ª hora

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Está difícil um acordo, e por isso a questão do sistema de governo deverá ser decidida mesmo no voto. Foi o que admitiu ontem o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, que, mesmo assim, ainda não perdeu a esperança de chegar a um consenso. "Já vi, nesta Casa, fazer um entendimento na 25ª hora do dia", afirmou.

A "bancada de Ulysses", com mais de 30 deputados e existência informal reconhecida pela maioria dos constituintes, poderá ser decisiva na votação de hoje. É um grupo que segue a liderança de Ulysses e está acostumado com sua tática de indefinição até o último momento. Há também os "ulyssistas anônimos", ainda mais discretos e cujos nomes são mantidos em relativo sigilo, para que atuem nos momentos finais. A orientação é dada pelo deputado Heráclito Fortes (PI), um dos mais fiéis seguidores do presidente da Constituinte.

### "IMPOSSÍVEL NÃO É"

"fácil é, impossível não é", disse Ulysses, reconhecendo que o acordo foi dificultado também por um confronto de informações. Na sexta-feira, ele afirmou que a tese do parlamentarismo com cinco anos vinha crescendo na Constituinte e que até o presidente Sarney estava aberto a negociações. No domingo, ao sair do Palácio da Alvorada, o deputado José Lourenço, líder do PFL, garan-

tiu que Sarney estava inflexível quanto ao presidencialismo e aos cinco anos de mandato.

Ulysses telefonou ontem de manhã para o presidente Sarney e, depois, negou que tenha falado sobre a decisão do Planalto de defender o presidencialismo e os cinco anos. "Foi uma conversa amena, sobre os andamentos da votação", garantiu.

Os "ulyssistas" não gostam de quantificar suas forças, mas, para o senador José Richa, "são no mínimo 30", número considerado modesto pelo senador Jarbas Passarinho. A estratégia é mantê-los resguardados para uma possível medição de forças com os partidos de esquerda, como o PT e o PDT, nas questões de interesse de Ulysses — e, talvez, do governo.

Alguns "ulyssistas" são notórios, como Heráclito Fortes, Ibsen Pinheiro e Genebaldo Correia. Mas há também os liderados dos ministros Renato Archer e Luiz Henrique e dos governadores Waldir Pires, Pedro Simon e Miguel Arraes, todos correligionários fiéis do presidente do PMDB. O deputado Hélio Duque classifica Ulysses de "surfista político", sempre atuando sobre as grandes ondas, esperando que elas se formem para ter consistência e direção. Em sua opinião, a "bancada de Ulysses" é superior a 40 deputados e não tem compromissos com a história do partido, já que inclui também os salvados do PDS, como o ministro Prisco Viana.

### FORÇA DISCRETA

Heráclito Fortes mantém sigilo

sobre os "ulyssistas anônimos" e não revela como se processam as reuniões do grupo. É certo, porém, que entre eles estão vários integrantes do Centro Democrático, liderado pelo deputado Expedito Machado. Para o deputado José Costa, a "bancada de Ulysses" tem condições de eliminar a do PT e a do PDT. Já o deputado Jorge Hage também concorda que o grupo é forte e, como o seu líder, sabe ficar discreto, em cima do muro, até a hora da definição.

As reuniões dos "ulyssistas" são esporádicas, pois a maioria entende os sinais e o comportamento de seu chefe, além da discricão desejada. De acordo com os senadores José Richa e Jarbas Passarinho, não há dúvida de que Ulysses pode decidir qualquer votação. Eles observam que o grupo não se manifesta sobre temas corriqueiros, só os decisivos. E o presidente Sarney também sabe disso, garante um "ulyssista".

Mesmo com a falta de acordo sobre o sistema de governo, que pode atrasar o andamento da Constituinte, Ulysses Guimarães ainda acredita ser possível promulgar a futura Constituição no dia 21 de abril. Ontem, ele explicou que, após a votação sobre o regime de governo, vai reunir as lideranças para elaborar um cronograma de trabalho, no qual serão incluídas as sessões também pela manhã, que posserão terminar depois das 22 horas. "Também pretendo estabelecer com antecedência os sábados e domingos nos quais trabalharemos", afirmou.

## Tudo está acertado, diz Afif

O deputado Guilherme Afif Domingos (PL-SP), disse ontem, em São Paulo, que "os peemedebistas vão negociar os cinco anos que o governo quer, com a introdução já do parlamentarismo". Com esta previsão concorda o deputado Luís Inácio Lula da Silva (PT-SP) que afirmou continuar acreditando na existência de um acordo fechado entre Ulysses Guimarães e José Sarney para garantir a vitória do parlamentarismo com cinco anos de mandato ou "na pior das hipóteses, do presidencialismo mitigado também com cinco anos".

Candidato do PT a presidente da República, Lula acha que o objetivo do acordo é evitar o confronto do Palácio do Planalto com as For-

ças Armadas e afirmou: "Não há interesse em eleição direta este ano". Para Afif Domingos, o PMDB detém o comando político do País mas já não possui o comando eleitoral, "se a legenda jogasse em favor de eleições diretas este ano, correria o risco de sofrer uma derrota e, como consequência, perderia o comando político".

Afif lembra que o discurso violento dos peemedebistas pelas eleições diretas sucumbiu ao regime parlamentarista. "Essa é uma forma de botar um atravessador entre o povo e o presidente eleito", disse, acrescentando que "uma atitude como essa equivale a cassar o povo e a homologar os que foram eleitos pelo estelionato eleitoral do ano passado".

GUARULHOS  
Agora tem  
espaço próprio  
no Estadão

Toda 3ª feira no

PAINEL DE NEGÓCIOS